

**ATAQUE À DEMOCRACIA /** Delação do tenente-coronel do Exército Mauro Cid aponta ex-primeira-dama e deputado federal como integrantes de um grupo radical que propunha a Bolsonaro romper a normalidade institucional para se manter no poder

# Michelle e filho 03 queriam o golpe

Ed Alves/CB/DA.Press



Segundo o ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, quatro grupos cercavam o ex-presidente com diferentes posições sobre o que deveria fazer

» ISRAEL MEDEIROS  
» FABIO GRECCHI

O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro tentaram convencer Jair Bolsonaro a dar um golpe de Estado, depois de derrotado nas urnas por Luiz Inácio Lula da Silva, em 2022. A acusação foi feita pelo tenente-coronel do Exército Mauro Cid, ex-ajudante de ordens do então presidente da República, na primeira delação que fez à Polícia Federal (PF), em agosto de 2023.

Os detalhes do depoimento foram trazidos à tona, ontem, pelo jornalista Elio Gaspari, colunista de *O Globo* e da *Folha de S.Paulo*, e confirmados pelo *Correio Braziliense*. Segundo Cid, depois da derrota, Bolsonaro passou a se consultar com assessores, ministros e aliados sobre que rumo tomar. O tenente-coronel afirmou à PF que havia quatro grupos distintos: um que defendia que deixasse o poder e se reorganizasse para assumir o papel de principal líder da oposição ao futuro governo Lula; outro que, embora estivesse insatisfeito com a derrota nas urnas, era contrário a qualquer ruptura institucional; um terceiro sugeria que o então presidente deixasse o país; e um quarto, dividido em dois subgrupos, que propunha um golpe de Estado. Nessa divisão, uma parte acreditava que haveria meios jurídicos para melar a eleição, mas outra era a favor da ruptura institucional violenta, inclusive clamando os CACs (Caçadores, Atiradores e Colecionadores de armas) a formarem uma espécie de milícia para manter Bolsonaro no poder. (Veja as subdivisões e seus integrantes no infográfico ao lado)

“Que as outras pessoas que integravam essa ala mais radical era composta pelo ex-ministro Onix Lorenzone, pelo atual senador Jorge Seiff, o ex-ministro Gilson Machado, senador Magno Malta, deputado federal Eduardo Bolsonaro, general Mário Fernandes (secretário executivo do general Ramos); que general Mário Fernandes atuava de forma



**Essa ala mais radical era composta pelo (...) deputado federal Eduardo Bolsonaro; (...) a ex-primeira dama Michelle; conversavam com o ex-presidente, instigando-o para dar um golpe\***

Trecho da delação de Mauro Cid



**Enquanto lhe é sonogado o acesso à integralidade da colaboração, seu conteúdo continua publicizado, tornando o sigilo uma imposição apenas às defesas dos investigados\***

Trecho da nota dos advogados de Bolsonaro

ostensiva, tentando convencer os demais integrantes das forças a executarem um golpe de Estado; que compunha também o referido grupo a ex-primeira dama Michelle Bolsonaro; que tais pessoas conversavam constantemente com o ex-presidente, instigando-o para dar um golpe de Estado”, diz um trecho da delação (*as grafias dos nomes foram mantidas incorretas porque é dessa forma que consta no documento*).

Cid aponta, também, que o ex-presidente foi acossado por influenciadores bolsonaristas para que optasse por uma saída extrema. “Que os integrantes do Hipócritas [canal de humor alinhado ao ex-presidente que era administrado por Bismark Fugazza, Antônio Pacheco e Paulo Souza] jantaram com o ex-Presidente no Palácio da Alvorada; que não se recorda se os referidos jornalistas dormiram no Palácio da Alvorada; que os integrantes do Hipócritas tinham contato direto com o ex-presidente Jair Bolsonaro; que entendiam que os CACs apoiariam o ex-presidente em uma tomada de decisão, como uma tropa civil em caso de um golpe; que o deputado federal Eduardo Bolsonaro tinha mais contato com os CACs.

## Artigo 142

Entre aqueles que buscavam uma saída infralegal para melar as eleições, a ideia era tentar fundamentar o golpe no artigo 142 da Constituição — cuja interpretação era a de considerar que as Forças Armadas teriam a permissão para tornarem-se um “poder moderador”. Neste estavam o ex-assessor internacional Felipe Martins, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, o hoje deputado federal Eduardo Pazuello (PL-RJ) e os senadores Magno Malta (PL-ES) Luiz Carlos Heinze (PP-RS) — que teria sugerido o sequestro de urnas, à revelia do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), para que fossem auditadas.

“Que nessa época após o segundo turno, recebiam muitas informações de fraudes; que o presidente repassa as possíveis denúncias para os generais Pazzuello e Paulo Sergio para que fossem apuradas; que o grupo tentava encontrar algum elemento concreto de fraude, mas a maioria era explicada por questões estatísticas: que as informações estatísticas foram tratadas pelo major Denicole: que o major Denicole era quem geralmente trazia

os dados ao ex-presidente; que o grupo não identificou nenhuma fraude nas urnas; que a única coisa substancial que encontraram foi a questão das urnas antigas que ensejou a ação do PL; que o Senador Heinz, que também integrava esse grupo, usava um documento do Ministério Público militar que dizia que como o país estava em GLO, para garantia das eleições, o senador entendia que as forças armadas poderiam pegar uma urna, sem autorização do TSE ou qualquer instância judicial, para realização de testes de integridade”, aponta outro trecho da delação, *cujas grafias de novo foram mantidas incorretas*.

Segundo Cid, esse grupo não era organizado, mas se encontrava “esporadicamente” com o então presidente. Ele também detalhou que Bolsonaro contestava o resultado das urnas e queria provar que houve fraude no processo eleitoral. Ele teria verbalizado que, se não fosse possível reunir as provas necessárias que pudessem anular as eleições, tentaria convencer as Forças Armadas a embarcar em um golpe.

## Indignação

Por meio de nota, a defesa de Bolsonaro manifestou indignação com o que chamou de “vazamentos seletivos” e “inconfôrmismo” com o fato de lhe ter sido negado o acesso ao conteúdo da delação pela Justiça. “Enquanto lhe é sonogado o acesso legal à integralidade da referida colaboração, seu conteúdo, por outro lado, veio e continua sendo repetidamente publicizado em veículos de comunicação, tornando o sigilo uma imposição apenas às defesas dos investigados, evidentemente prejudicados em seu direito à ampla defesa”, salientam os advogados Paulo Cunha Bueno, Daniel Tesser e Celso Sanchez Vilardi.

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) também criticou o vazamento da delação e foi o único do clã a se manifestar nas redes sociais. “Essa delatilação (sic) vazada hoje na imprensa é aquela negada à defesa do general Braga Netto há dois dias?”, questionou.

## Quem é quem na trama



**Grupo que defendia que Bolsonaro passasse o poder para tornar-se líder da oposição**



(1) Senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), (2) Bruno Bianco (então advogado-geral da União), (3) senador Ciro Nogueira (então ministro da Casa Civil) e (4) brigadeiro Batista Junior (então comandante da Aeronáutica)

**Grupo contrário à ruptura democrática e integrado por três militares da ativa**



(1) General Paulo Sérgio Nogueira (então ministro da Defesa), (2) general Frei Gomes (então comandante do Exército), (3) general Júlio César Arruda (comandante do Departamento de Engenharia e Construção do Exército) e (4) general Estevam Teophilo de Oliveira (chefe do Comando de Operações Terrestres do Exército)

**Grupo que defendia que Bolsonaro deixasse o país**



(1) Paulo Maxmiano Junqueira Neto (presidente do Sindicato Rural de Ribeirão Preto, da Associação Rural de Ribeirão Preto e da Associação Rural Vale do Rio Pardo), (2) Luiz Antônio Nabhan Garcia (ex-secretário de Assuntos Fundiários do governo Bolsonaro) e (3) senador Magno Malta (PL-ES)\*

**Grupo que propunha a Bolsonaro dar um golpe de Estado\*\***



(1) Deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), (2) Michelle Bolsonaro (ex-primeira-dama), (3) deputado Eduardo Pazuello (PL-RJ, então general da reserva do Exército), (4) Valdemar Costa Neto (presidente do PL), (5) Ângelo Martins Denicoli (então major do Exército), (6) Silvinei Vasques (então diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal), (7) Felipe Martins (então assessor da Presidência para assuntos internacionais), (8) Onyx Lorenzoni (ex-ministro da Casa Civil do governo Bolsonaro), (9) senador Jorge Seiff (PL-SC), (10) Gilson Machado (ex-ministro do Turismo do governo Bolsonaro), (11) general Mário Fernandes (ex-número dois da Secretaria-Geral da Presidência no governo Bolsonaro), e (12) senador Luiz Carlos Heinze (PP-RS)

\* Também é apontado por Mauro Cid como integrante do grupo que sugeria o golpe de Estado

\*\* Era dividido em dois subgrupos: 1º) propunha a utilização de instrumentos infralegais para melar as eleições, baseava-se em interpretações distorcidas do artigo 142 da Constituição e pretendia, até mesmo, “auditar” urnas eletrônicas sem a autorização do Tribunal Superior Eleitoral (TSE); 2º) desejava incitar militares, bolsonaristas nas portas dos quartéis e mesmo os CACs (Caçadores, Atiradores e Colecionadores de armas) a aderirem à ruptura institucional